

MAGRE VIVA

Director: ANTÓNIO SANTOS

SEMANARIO

ANO IV — N.º 179 — Preço 5\$00 — 10/1/80

Câmara e Assembleia tomaram posse no Sábado



**MAIS 15 CASAS
PARA ESPINHO**

DISCURSO DO PRESIDENTE NÃO TEVE SAL, NEM FOI ORIGINAL

Frouxo e incarecterístico é o menos que se pode dizer do discurso do novo presidente da Câmara, José Fonseca, aguardado com alguma expectativa na tomada de posse dos elementos da Câmara e da Assembleia Municipal. Foi aliás o momento de maior interesse da sessão, realizada no sábado, pois todo o resto do tempo foi ocupado com a cerimónia de investidura dos sete elementos da Câmara e quarenta da Assembleia Municipal.

A sessão teve a presença de bastantes pessoas, que encheram o exíguo salão nobre da Câmara Municipal, contando-se em número aproximadamente igual os empossados e os simples assistentes. Entre estes últimos

contavam-se o pároco de Espinho, o Presidente da Câmara da Vila da Feira, a deixar perspectivas de «boa vizinhança», e um elemento do Conselho de Administração da Solverde, não sabemos se nessa condição ou na de simples munícipe. Foi notada a ausência de alguns vereadores da Câmara cessante, bem como da maioria dos elementos da anterior Assembleia Municipal.

A sessão foi presidida por Avelino Zenha, presidente da Assembleia Municipal cessante, que, depois de concluída a tomada de posse dos 47 elementos com juramentos e assinaturas, dirigiu votos de felicidade aos órgãos ali instalados e deu a palavra ao novo Presidente da Câmara.



José Fonseca proferindo o seu discurso

Com a invernia mais ou menos aí à porta, não devem tardar as tristes notícias do Espinho - frente - ao - mar - plantado. Para já, para já, uma notícia alegre: a nossa cidade foi contemplada com 15 casas, destinadas a minorar as carências de habitação que o mar provocou em 1979.

A oferta veio de uma Comissão Nacional encarregada de estudar e resolver, tanto quanto possível, os desastres causados no inverno pelo mar, pelas cheias, pelos temporais. A Câmara (a outra) entrou em contacto com o Fundo de Fomento de Habitação, para dar andamento ao assunto. Aguardamos.

Infelizmente este remedeio, que é benvindo, não constitui solução de futuro. O mar não se foi embora, a costa lá está desprotegida, os Invernos não acabaram. Talvez mais 15 casas este ano... outras 15 para o ano... outras 15... e assim por diante!...

MOSCAS COM VINAGRE ?

José Fonseca leu o seu curto discurso de cerca de oitocentas palavras e ocupou sensivelmente metade com alusões à situação política nacional, retomando claramente o discurso de Sá Carneiro com expressões como «crise de identidade», «projecto sério e digno de vida colectiva», etc. Esperava-se que fosse uma introdução ao discurso, o que não chegou a ser dada a sumariedade com que foram tratados os problemas locais, e também se esperava a «escuridão» com que foi pintada a situação política nacional, o que se confirmou. O que não se aguardava é que depois de ataques implícitos à gestão dos governos do Partido Socialista («esquemas políticos utilizados, mas de inviolabilidade e oportunismo mais que comprovado») e ainda mais em relação a outras forças progressistas («conflitos desnecessários que grupos menores querem explorar em seu favor com o método da chantagem»), o novo presidente viesse depois a apelar com veemência à colaboração entre todas as forças políticas representadas nos órgãos eleitos. Compreende-se a necessidade deste apelo, dado o facto de a AD estar em minoria na Câmara, mas já não se percebe o discurso agressivo que o antecedeu. Provavelmente, o presidente não teve presente o velho ditado popular de que «não é com vinagre que se apanham moscas.»

" ESPINHENSES ! "

Nesta segunda parte da alocução, começada com um significativo «Espinenses!», os convites à concertação entre todas as forças conduziu em alguns passos e afirmações conflusas, no que respeita ao alcance da intervenção, que não pode ter deixado de ser pessoal ou quan-

do muito em nome da A.D. Ora não é isso que se depreende de algumas afirmações em que se diria que José Fonseca tinha procuração do P. S. e da A.P.U..O presidente tem neste aspecto frases evidente-

continua na página 8

AS JANEIRAS EM FIM DE FESTA

Com a Grande Festa das Janeiras realizada no passado sábado no Salão da Piscina, terminou o ciclo das populares janeiras que o Coro Popular de Espinho desde há anos vem organizando, com um êxito e aceitação de todos os sectores da população que é bem digno de registo. Este ano, a participação e entusiasmo popular ultrapassaram mesmo o que até agora se tinha verificado. As seis saídas para a rua, em outras tantas noites, permitiram cobrir praticamente toda a cidade, desde o Rio Largo a S. Pedro, passando pela zona comercial central, chegando mes-

mo até à freguesia de Anta, e levaram às portas de milhares de pessoas, independentemente de classes sociais ou quaisquer outras condições, um espectáculo e um momento de confraternização que elas muito apreciaram, e disso mesmo não faltaram os testemunhos.

Eram as famílias que abriam as portas e convidavam a entrar, era o casal que entre sur-

preso e comovido, ouvia em silêncio e ficava a agitar as mãos quando o Coro partia, era a garrafa de espumante que se oferecia em sinal de amizade era também o pacote de esparquete e os ovos «para um pobre que vocês conheçam», o dinheiro de quantos assim manifestavam a sua satisfação. O homem de meia idade que se-

continua na página 8

Câmara distribuiu Pelouros

Na primeira reunião, efectuada na segunda-feira à noite, a nova Câmara distribuiu entre os vereadores os respectivos pelouros. Assim, o presidente José Fonseca ficou com o Turismo a seu cargo, Ângelo Cardoso com os Mercados e Feira, Marçal Duarte com as Obras, Artur Bártolo com os Parques e Jardins, Castro Lima com o Cemitério, António Ruano com a Saúde, Cultura e Desporto e Alfredo Casal Ribeiro com a Higiene, Limpeza e Piscina.

O Conselho de Administração dos Serviços Municipalizados ficou constituído por José Fonseca (presidente), Artur Bártolo e Casal Ribeiro.



Centenas de pessoas dançaram e cantaram na festa final

Passagem de nível a menos?

A CP oficiou à Câmara (à outra): gostaria de fechar ao trânsito a passagem de nível da rua 7, que passaria a ser utilizada apenas pelos peões. A razão apresentada é simples — o pontão. Se há um pontão a norte da cidade, que permite a rápida passagem para a zona da beira-mar, não se veria grande necessidade em manter aquela passagem de nível.

Para quem venha do Norte (do Porto, por exemplo), a solução não oferece dúvidas. Para quem mora em Espinho, na zona da rua 7, é que poderiam surgir alguns problemas. Estes, contudo, têm a poucas dezenas de metros a passagem da rua 23. Uma coisa é certa: fechadas as cancelas da rua 7, estaria bastante mais facilitado o trânsito de toda a Avenida 8, nomeadamente os acessos ao pontão.

Cabe agora à Câmara (a esta) decidir.

Falta de «ouro... branco»!

Não há dúvidas: nós estamos mesmo habituados à água! Se ela falta durante um ou dois dias, é grande sarilho, é «bica» que não há, é banho que vai ter de esperar, é andar de balde para trás e para a frente, é ginástica de poupança do precioso líquido...

Não vão lá muitos anos, era assim. Ia-se buscar água à fonte, ao poço. Ainda hoje, em quanto sítio assim é! Mas nós temos a água dentro de casa, ali mesmo, e vemo-nos de novo

na pré-história se acontece algum percalço...

Em duas linhas: rebentou um motor em Gaia. Habitualmente funcionam dois motores para abastecer Espinho em boas condições. Só com um, claro que a água não chegava ou, então, chegava às pinguinhas. Foi na 6.ª feira, dia 4. Dos Serviços Municipalizados disseram - nos que a situação só estaria normalizada daí a 3 ou 4 dias. Um fim-de-semana mais seco. E nem sequer choveu...

FARMÁCIAS

Quinta — Grande Farmácia — Rua 62 n.º 457 - Tel. 920092
Sexta — Farmácia Teixeira — Rua 19 n.º 46 - Tel. 920352
Sábado — Farmácia Santos — Rua 19 n.º 263 - Tel. 920331
Domingo — Farmácia Paiva — Rua 19 n.º 319 - Tel. 920250
Segunda — Farmácia Higiene — Rua 19 n.º 393 - Tel. 920320
Terça — Grande Farmácia — Rua 62 n.º 457 - Tel. 920092
Quarta — Farmácia Teixeira — Rua 19 n.º 46 - Tel. 920352

Partido Socialista

A Secção de Espinho do Partido Socialista vai levar a efeito uma reunião para aderentes daquele partido, no próximo dia 12, pelas 15,30 horas, na sede respectiva.

Face à nova situação a nível dos órgãos de poder centrais e locais é natural esta movimentação de uma força política

ca pelo qual passará grande parte da responsabilidade sobre o futuro próximo deste país. Oxalá estas e outras reuniões contribuam para um melhor esclarecimento de quais as reais opções que se põem perante uma situação política e social de grande complexidade.

Escola Secundária de Espinho

AVISO

Foi autorizada a realização de um exame, para os alunos dos Cursos regulados pelo Decreto n.º 37.029, desde que seja para conclusão dos mesmos.

O requerimento deverá ser

entregue, na Secretaria desta Escola até ao dia 19 do corrente.

Espinho e Escola Secundária, em 4 de Janeiro de 1980.

O Presidente do Cons. Directivo

MARE VIVA

SEMANÁRIO

Propriedade:

NASCENTE — COOPERATIVA DE ACCAO CULTURAL, S. C. R. L.

Fizeram este número:

António Santos, João Barrosa, Joaquim Fidalgo, Luís Costa, Manuel Fernando e Victor Sousa (redactores); Ana Maria, Augusto Mota, Dário Capela, Eugénio Morais e Nuno Barbosa (colaboradores de redacção).

Composição e impressão:

TIPOGRAFIA MENESES — COOPERATIVA GRAFICA DE ESPINHO, S.C.R.L.
RUA 14 N.º 903 — TELEF. 921016



— Dia 10, Quinta-feira —

ÓDIO VELHO

— M/ 13 anos —

Pelo que se verifica na programação deste mês, presumimos já que a exibição de repetições vai ser uma constante. Para um mais completo esclarecimento do que pretendemos afirmar, diremos apenas que num rápido relance pelo programa detectámos 7 películas já exibidas anteriormente. Neste conjunto de circunstâncias, o Charles Bronson não podia ficar esquecido. Se houver alguém que por acaso ainda o não conheça, terá desculpa. De resto, nem pensar...

— Dia 11, Sexta-feira —

HOLOCAUSTO 2000

— M/ 18 anos —

Com o aparecimento de certos filmes que deram uma outra dimensão ao tema da ficção científica, os produtores parecem cada vez mais encorajados em explorar tal assunto, não só nos Estados Unidos, como também nos estúdios europeus. Nesta co-produção anglo-italiana, Alberto de Martino desenvolve com alguma imaginação o argumento retirado de uma conhecida obra do género, mas não evitou deixar-se cair naqueles «clichés» já próprios das séries da T.V. Kirk Douglas dá o tom e esforça-se por cumprir. O que já é um valor a ter em conta.

— Dia 12, Sábado —

OS NOVOS MONSTROS

— M/ 13 anos —

Por não ter chegado a ser exibido na data prevista, mantemos a nossa apreciação então manifestada:

Composto por doze «sketches» bem diferentes entre si e assinados no seu conjunto por três dos mais prestigiados realizadores italianos da actualidade como são Mario Monicelli, Ettore Ecola e Dino Risi, este filme fala-nos de figuras do nosso dia a dia e da sua «monstruosidade» que só um trabalho como este nos obriga a reflectir um pouco sobre a sua efectiva dimensão. Há a registar que a qualidade de uns episódios para os outros é bastante desigual, mas por coincidência, que nada tem de casual, são precisamente aqueles três em que intervém Alberto Sordi, os mais conseguidos. Sem dúvida, está um actor que é um espanto! Mas está mesmo! Se não concordar connosco, digam-nos, mas não deixe de ver.

CAFÉ E RESTAURANTE

COPÉLIA

Almoços e Jantares
Serviço à lista
Especializado em
Casamentos e Baptizados
Grande Variedade de
Petiscos
Rua 23 n.º 808 - Tel. 923152
ESPINHO

SNACK - BAR

PRÍNCIPE

RESTAURANTE

Rua 14 n.º 473 (âng. Rua 15)
Telef. 922247 — ESPINHO

— Dia 13, Domingo —

O IMPÉRIO DA PAIXÃO

— M/ 18 anos —

Para quem viu «O Império dos Sentidos», do mesmo Nagisa Oshima, certamente que será capaz de não começar a ver este filme sem partir dum determinado ponto de comparação. Talvez por esse facto, esta obra não tenha merecido os elogios tão rasgados (quando não a decepção) do seu filme anterior. Mas o certo é que este seu trabalho é, apesar de tudo, de uma maturidade exemplar e de uma capacidade magistral para tratar um assunto aparentemente simples mas na verdade tão complexo como são

as relações entre um homem e uma mulher e as consequências que por vezes são levadas a assumir. Um filme importante que não se deverá perder.

— Dia 16, Terça-feira —

CALCINHAS AO LÉU

— M/ 18 anos —

Esta comédia brejeira italiana, no seu título original, chama-se «Uma Liceal na Classe dos Repetentes». Mas a distribuidora para que ficasse com um nome mais sugestivo para atenção do público habitual, avivou-lhe a côr. O simpático Alvaro Vitali, à falta de melhor, vai-se por aqui entretendo.

Um ano pouco melhor que medíocre

Todos os anos por esta altura são crónicas, e quase sempre inevitáveis, as apreciações sobre determinadas actividades durante o período dos doze meses antecedentes, fazendo-se nelas geralmente o balanço do que de bom ou de mau foi feito, bem como das outras coisas que ficaram por fazer.

Tornou-se hábito, portanto, elaborarmos aqui os nossos considerandos, tendo como menor apelarmos à colaboração dos leitores nos anos anteriores, para se fazer uma compilação dos factos ocorridos durante o passado ano em matéria de cinema aqui por Espinho. Mas por ser tão desolador o panorama que após o inventário confirmámos constatar, decidimos não valer a pena convidarmos os leitores ao esforço de se debruçarem sobre tão fraca realidade.

Na verdade, foi com necessária condescendência que conseguimos juntar uma relação de pouco mais de 30 títulos que por diversos factores são merecedores de serem citados, quantidade de longe muito inferior às que tivemos, sem excepção, nos últimos dez anos, o que é só por si facto bem revelador.

AS DISTRIBUIDORAS

IMPÕEM...

Na origem desta situação, sabemos todos nós — está a importância que uma cidade como Espinho tem, dispormos apenas de uma sala de cinema, sendo o problema ainda agravado com os interesses das organizações importadoras e distribuidoras de filmes, que sabendo dessa posição, impõem as programações que bem lhes convêm, através dos prepotentes contratos de longas listas de películas de diminuto interesse, quando não de descarada fancia, à mistura com uma ridícula quantidade de filmes de reputada qualidade ou de elevado nível cultural. Para além disso, guardam como trunfos aquelas produções de gran-

de e garantido êxito comercial como determinantes moeda de negociação para definição de condições com as organizações exibidoras, designadamente nos cinemas da província, chegando mesmo ao ponto de indicarem qual o dia da semana em que essas películas têm de ser exibidas.

... O EXIBIDOR

COLABORA E AGRAVA

Este estado de coisas, por sua vez não chega para ilibar a convivência do exibidor local na medíocre programação que de há uns tempos para cá nos vem impondo, recorrendo vezes sem conta às repetições (não se leia reposições), ao abuso dos melodramas indianos, «kung-fu's», «westerns» de pacotilha, pornochachadas e outras de géneros igualmente inqualificáveis, evitando assim melhor explorar os «stocks» das suas representadas como são Filmes Castello Lopes, Columbia & Warner, Rank Organization, já para não falarmos em Mundial Filmes, Astória, Exclusivos Triunfo, Sofilmes e outras. Delas sabemos bem existirem nas suas listas filmes que nunca chegaram a ser exibidos em Espinho, passados já vários anos da sua estreia em Lisboa ou no Porto.

Para uma mais completa exposição do que se passa nesta matéria, cumpre-nos relembrar que há mais de dois anos estamos privados de apreciarmos filmes que fazem parte dos catálogos das importantes distribuidoras dominadas pela Lusomundo e pela Doperfilme, em virtude de estas estarem ligadas por contrato ao cinema do Casino, o que muito contribui para a não existência de outras alternativas de escolha.

Posto isto, passamos a tecer os nossos comentários à cerca do pouco que podemos ver, ainda com a agravante de ser um conjunto realmente muito fraco. Mas para uma melhor destrição na escala de valores,

continua na página 6

CASA LUISA NOGUEIRA

João César da Costa

Depósito de Frutas — Vendas por junto e a retalho

Rua 16 n.º 750 ESPINHO Telef. 920304

GRIJÓ

Presidente da Junta ao «Maré Viva»:

Ainda em consequência das últimas eleições para as autarquias e na continuação de concretização do objectivo que nos propusemos realizar, de dar aos leitores das freguesias mais abrangidas pelo «Maré Viva» uma informação tanto quanto possível intensa e objectiva sobre as forças concorrentes às eleições e resultados decorrentes, vai o nosso jornal começar, a partir deste número, a publicação de entrevistas com os presidentes das juntas eleitas.

Nestas entrevistas procuraremos abordar os assuntos que mais interesse tenham para a

freguesia e que os seus habitantes reconheçam merecerem prioridade e especial atenção.

Começámos em Grijó, e pelo seu presidente, sr. António Correia da Silva. Industrial de profissão, concorreu nas listas do P.S.D. e conseguiu uma maioria esmagadora e absoluta o que permitiu que o executivo fosse composto integralmente por homens do P.S.D.. António Correia da Silva já era o presidente do anterior executivo sendo, portanto, reeleito. Foi sobre este último aspecto que lhe colocamos a primeira pergunta.

M. V. — Tendo sido reeleito e, portanto, tendo já experiência do anterior mandato, gostaria que nos falasse como e qual foi o trabalho levado a cabo na freguesia; ao mesmo tempo poderia falar-nos das razões da recandidatura.

A.C.S. — «No mandato que agora termina julgo que o executivo fez o que realmente estava ao seu alcance fazer. Ao longo destes três anos, a junta movimentou em obras de toda a espécie necessárias para Grijó, cerca de 24.478 contos, além de participações po-

para além de outras coisas que não me ocorrem neste momento. Além de tudo isso, o executivo conseguiu que fosse doado à freguesia um terreno no valor de 1.500 contos onde se está a construir o complexo desportivo-cultural, obra na qual depositámos muitas esperanças e temos orgulho em construir. Depois há ainda o ciclo preparatório que está em fase muito adiantada e ainda a atribuição de verbas bastante consideráveis para as colectividades culturais e desportivas da freguesia. Neste caso convém dizer que algumas destas colec-



«Teria muita pena se outros colhessem o que semeiei»

culares no valor de 600 contos. Todo este dinheiro foi gasto, nomeadamente, na instauração de uma recolha regular de lixo, no restauro do bairro dos pobres, que se encontrava em muito más condições de habitabilidade e no qual se gastaram 2.000 contos, na electrificação de uma grande parte da freguesia, conseguindo-se colocar dois transformadores, no loteamento de 50 novas casas de habitação com todas as condições de higiene que serão postas a concurso para as famílias economicamente débeis,

tividades não têm justificado o subsídio e a junta irá tomar providências nesse sentido.

Quanto à segunda questão que me põe, pois eu direi que me recandidatei fundamentalmente porque julgo que não é em 3 anos que um executivo pode mostrar a sua capacidade com obras e com trabalho visível e palpável e que o povo veja. Julgo que seis anos é o tempo mínimo para que um executivo mostre trabalho e eu realmente teria muita pena se outros colhessem aquilo que eu semeiei»

As principais necessidades da Freguesia

M. V. — Agora um novo mandato vai começar e gostaria que nos falasse quais as principais necessidades da freguesia e o que vai ter prioridade.

A.C.S. — «Os problemas continuam a ser muitos e de difícil solução, no entanto, no campo das prioridades continuam os arruamentos, o saneamento, a construção do infantário para 50 crianças (e não o temos já porque Grijó é uma freguesia com maioria Social

Democrata e só foram contempladas pela Câmara as freguesias Socialistas), a continuação das obras do complexo desportivo-cultural com o começo da segunda fase que é a construção da bancada do lado norte e a continuação da electrificação das zonas mais carecidas.»

M. V. — Tendo em conta a mudança política sofrida pela Câmara como pensa definir as relações entre a Autarquia e Câmara?

Continuar o trabalho já iniciado

A.C.S. — «A resposta a essa questão vai depender muito da actuação do Presidente da Câmara e dos seus vereadores. Se o presidente continuar sentado no seu trono e não se levantar para visitar as freguesias do concelho e inteirar-se «in loco» das suas principais carências e dificuldades então as relações serão mesmo muito más. Se os vereadores continuarem, como até aqui, a limitarem-se a assinar papéis e não darem conta ao presidente dos casos mais graves com que as freguesias do concelho, que são 24, se debatem então as relações serão muito más. Para que isto não suceda faço votos para que o presidente e os vereadores assumam com inteira responsabilidade as funções que lhes são confiadas para que as grandes dificuldades dos executivos sejam mi-

noradas dentro do possível...»

M. V. — Já que falou de vereadores e tendo em conta que Grijó tem dois dos seus habitantes exercendo essas funções pergunto-lhe: Que vantagens trará para a freguesia ter dois vereadores na Câmara?

A.C.S. — «É um pouco difícil responder a essa pergunta sem estar a ferir susceptibilidades, no entanto posso-lhe dizer que penso que se os vereadores forem para a câmara com uma posição rígida e militarista de isenção, então, Grijó, não poderá colher grandes benefícios. Agora se os vereadores pensarem na sua freguesia com aquele mínimo de parcialidade que será lícito esperar, então, Grijó poderá ter oportunidades de colher alguns benefícios que bem precisos são.»

A Lei das Finanças Locais

M. V. — A aplicação integral da lei das Finanças Locais é uma medida que todos os autarcas têm reivindicado, entre eles o senhor. Julga que o novo governo de Sá Carneiro irá aplicar a lei?

A.C.S. — «Disso não tenho a menor dúvida... Será sem dúvida uma das primeiras medidas que o governo de Sá Carneiro terá de levar a cabo. Já chegaram três anos de mão estendida a pedir esmola, pois as autarquias têm de ter uma autonomia financeira própria para que possam trilhar o seu próprio caminho sem encontrar continuamente escolhos financeiros que nos espartilham a todo o momento. Se nós em Grijó fizemos alguma coisa, e que foi bastante em relação a outras, isso deveu-se à compreensão e isenção do ex-presidente da Câmara que sempre foi um homem recto e justo acabando por ser marginalizado pelo seu partido devido à sua coerência e justiça na resolução dos assuntos das freguesias...»

M. V. — Como homem do P.S.D., gostaria que nos desse a sua opinião sobre a viabilidade do governo Sá Carneiro na actual sociedade portuguesa.

A.C.S. — «No que respeita ao governo Sá Carneiro pois eu julgo que as pessoas que o compõem são homens competentes

com vontade de trabalhar e em que eu acredito muito como homem de fé que sou.

Quanto à sua actuação eu julgo que vai ser norteada com o sentido das próximas eleições de 80. Portanto será uma actuação cautelosa pondo cá fora medidas que sem comprometer beneficiem os trabalhadores.

Por outras palavras, confio muito neste governo e até que me provem o contrário continuarei a confiar.

Termino por desejar ao Maré Viva um bom ano e que a vossa expansão continue sempre atingindo aquelas freguesias a que ainda não puderam chegar. Incito-vos a continuar o magnífico trabalho levado a cabo nas freguesias e sempre com a isenção e honestidade que vos reconhece este homem que se considera e é com certeza um homem democrático. Felicidade!»

VISTA OS SEUS FILHOS

NA

BOUTIQUE MI

Rua 62 n.º 113 - ESPINHO

FONSECA
TECIDOS
MODAS
ESPINHO

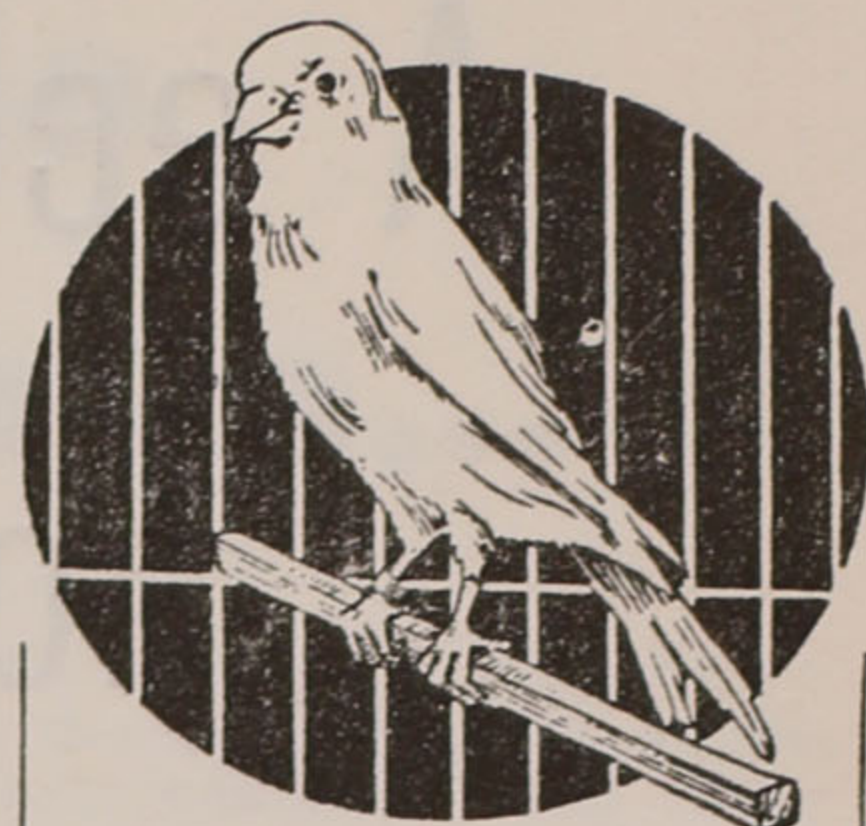
Rua 19 n.º 275 - Tel. 920413

Pá velha

Confeitaria

Especialidades Regionais — Pastelaria sempre fresca

Angulo das ruas 23 e 20 - Tel. 922514 - ESPINHO



"O VIVEIRO"

Aquários - Alimentação
Aves - Peixes
Gaiolas nacionais e estrangeiras
Pombos Correios - Pintos do dia

Rua 23 n.º 51 e 52
Telef. 921622
Merc. Municipal — Espinho

CLINICA GERAL

J. Pinheiro de Moraes

Rua 20 n.º 390

TELEF. 920452

Pinto de Matos

ESPECIALISTA

Fracturas e Doenças dos Ossos e
Articulações

REUMATOLOGIA

Rua 19 n.º 364 - 1.º — Telef. 921218
ESPINHO

Moreira da Costa

CIRURGIA GERAL
E VASCULAR

Rua 20 n.º 520 - 1.º

Telef. 921014

ESPINHO

ESTABELECIMENTO
DE MOVEIS
E DECORAÇÕES

ESPECIALIDADE
EM MOBILIAS
DE ESTILO
SÉCULO XVII

JOSE AZEVEDO PERES BIZARRO

R. 4 n.º 667 — Tel. 921324

ESPINHO

A economia mundial e portuguesa nos anos 70

Fazer um balanço do que aconteceu de mais importante na economia mundial e portuguesa entre 1970-1980 é algo que pode tornar-se complicado devido à subjectividade da análise a determinados temas. Por isso, iremos tentar tecer o mínimo possível de apreciações de índole pessoal que possam de certa forma desvirtuar a análise dos factos que pretendemos o mais objectiva possível.

Julgamos que será conveniente começarmos pela economia mundial ou mais propriamente a economia capitalista, pois isso dar-nos-á um caminho aberto para tratarmos posteriormente da economia portuguesa, dada a inequívoca interdependência que obviamente existe entre as economias dos diferentes países.

Os anos 70 a nível internacional podem ser caracterizados como o réquiem do dólar como rei e senhor do sistema monetário internacional, o que trouxe como consequência toda a importância dos problemas monetário-financeiros no funcionamento global da economia. Os antecedentes desta crise do dólar e logicamente da

deu por todos os anos 70 a inflação atingiu valores bastante mais elevados nos EUA do que nos países acima mencionados.

O PETRÓLEO

Em 1973 deu-se outro acontecimento que veio marcar de uma maneira decisiva os anos que se lhe seguiram. Tratou-se do boicote do petróleo como forma de pressão política, e do seu aumento de preço para o quádruplo, como medida de carácter económico, tendente a repor as razões de troca com os países industrializados que lhes eram manifestamente desfavoráveis.

Estes aumentos tiveram uma enorme repercussão nas contas externas, provocando elevados déficits nas Balanças de Pagamentos de inúmeros países. Além disso, pode-se considerar este facto como que o despoletar da crise mais acentuada dos anos 70 na economia mundial, cuja influência no nosso país foi bastante sentida pois a fase de depressão coincidiu com o 25 de Abril.

Um aspecto muito importan-

te da economia dos anos 70 dos devido fundamentalmente ao facto de uma parte das pequenas ou médias empresas existentes por esse mundo fora não terem capacidade financeira capaz de aguentar um período prolongado de crise, período esse que se torna mais difícil a realização das suas mercadorias no mercado.

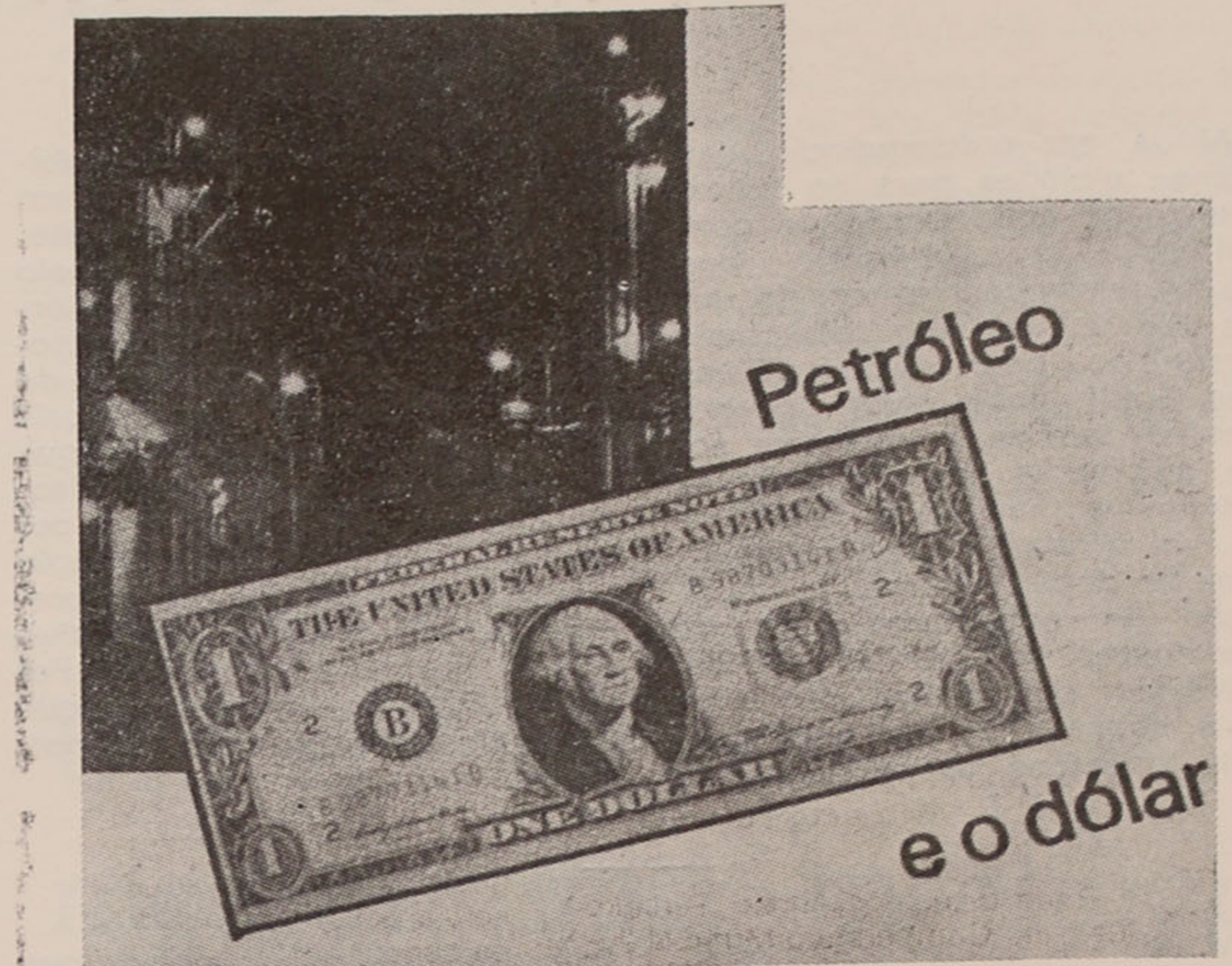
É por este tipo de questões que de certa forma foram aqui resumidas que se houve mais do que nunca hoje em dia falar na Nova Ordem Económica Internacional. É este sem dúvida o grande desafio lançado à economia mundial ou mais propriamente ao sistema capitalista para os anos 80. Isto é, conseguirá o sistema encontrar dentro de si novas forças impulsoras como em 1929 capazes de o relançar novamente em toda a sua plenitude à escala mundial? Julgamos sinceramente que não, mas aguardaremos a resposta.

EM PORTUGAL

Depois desta breve passagem pela economia capitalista, iremos analisar a economia portuguesa e ver de que forma ela foi influenciada por alguns dos factores agora enunciados.

A economia portuguesa de 1970 a 74 debateu-se com uma contradição que de certa maneira empenou o seu desenvolvimento. Essa contradição era entre os objectivos da nova tecnocracia ascendente e os da facção ultra-conservadora que ainda detinha o poder político. Os primeiros preconizavam uma modernização total do sistema produtivo português quer na indústria, que deveria ser o motor da economia, quer na agricultura com vistas a uma mais rápida integração europeia. E entre 70 e 73, época de expansão da economia mundial, a nossa, dado o crescimento que também conseguiu, teve condições excepcionais quer a nível financeiro, quer pela possibilidade de obtenção de matérias-primas a baixo custo nas colónias, de dar o tal salto qualitativo que os mais liberais preconizavam. No entanto como apenas os grandes monopólios nacionais e estrangeiros teriam capacidade de resposta adequada às transformações exigidas, a grande facção conservadora, fundamentalmente formada dentro da pequena e média burguesia e alguns estratos da grande burguesia, nomeadamente a agrária que detendo forte implantação a nível de aparelho de estado, conseguiram fazer ruir as esperanças liberalizantes.

A inflação, faz-se sentir grandemente mais para o fim do período (1973), «curiosamente» aquele de maior expan-



A questão do petróleo e a queda do dólar determinaram a economia mundial nos anos setenta.

são económica. É evidente que isto não é nada um fenómeno «curioso» ou que aconteça por acaso, pois é precisamente nos períodos de boa conjuntura que se encontra um clima mais propício à subida dos preços, embora uma das características principais de inflação seja o da subida de preços mesmo em períodos conjuntamente débeis.

O 25 DE ABRIL

Em 1974 quando se deu o 25 de Abril, a economia portuguesa já estava a dar aquela falsa sensação de crescimento do período de «boom» que antecedeu a crise, pois um bom indicador para esta análise que é o das reformas e protestos de letras, mostra-nos que o aumento das reformas e protestos, facto anunciador dum período de crise, apesar de ter a sua origem no «boom», se inicia ainda nos finais de 1973.

Ora isto vem-nos mostrar que o 25 de Abril não veio provocar nenhuma crise na economia portuguesa, pois esta já existia e o seu agravamento deveu-se fundamentalmente à recessão que se verificava a nível mundial. Além disso, a perda dos mercados coloniais constituiu também um factor de agravamento da má conjuntura portuguesa.

Mas o 25 de Abril introduziu modificações estruturais muito sensíveis na economia portuguesa, se bem que não no seu modo de funcionamento. E dizemos isto porque, apesar das nacionalizações da banca e dos principais sectores produtivos, não foram os sucessivos governos capazes de assumir convenientemente tal situação e transformar o sector público produtivo no motor de arranque da economia nacional para a saída da crise.

E a grande contradição em que temos vivido é precisamen-

te a de termos vindo a aceitar as políticas económicas «receitadas» pelo FMI, cuja aplicação se destina fundamentalmente a países com um sector privado extremamente forte e activo, o que não é o nosso caso, sem sermos capazes de assumir coerentemente uma política económica que tenha objectivos mais de acordo com a nossa situação concreta. Temos andado a viver de políticas de curto prazo sem sermos capazes de definir claramente objectivos a médio e longo prazo, explicitando já formas de os atingir.

Não queremos com isto dizer que as políticas do FMI não tenham sido bem sucedidas quanto aos objectivos a que se propunham. Por exemplo, o superavit da Balança de Pagamentos em 1978 foi conseguido através de uma política de selectividade do crédito, desvalorização monetária e de aumento das taxas de juro, ou seja, a política restritiva preconizada pelo FMI para superar o nosso déficit externo conseguiu o seu objectivo em 1978. Mas, e daí para a frente? Terá sido benéfico o nosso endividamento a médio prazo em mais de 900 milhões de dólares? Os custos sociais que tal política provocou como falências de empresas, diminuição dos salários reais, aumento do desemprego, etc., terão valido os benefícios alcançados? E a inflação que ainda se agravou?

Para finalizarmos esta análise da economia portuguesa nos anos 70 é fundamental abordarmos ainda o seu problema mais actual que é o da integração na CEE. Muito se tem falado sobre isto, mas pouco se tem dito de concreto, pois a maior parte das justificações para a nossa plena adesão têm sido mais de cariz político do que económico.

Há um problema que se põe e toda a gente o aceita que é

continua na página 6

ALGUMAS DATAS

- 1971 — O dólar é declarado inconvertível.
 - 1973 — O petróleo vê o seu preço quádruplicado.
 - 1974/75 — A maior crise dos anos 70.
 - 1979 — O ouro atinge no Mercado Livre uma cotação superior a 500 dls. a onça.
-
- 1974 — Dá-se o 25 de Abril.
 - 1975 — Nacionalização da banca e dos principais sectores produtivos.
 - 1977 — Desvalorização do escudo em 15%.

própria economia americana têm as suas primeiras manifestações nos princípios da década de 60, mas vêm a culminar em 1971, quando o governo de Nixon declara unilateralmente a inconvertibilidade total do dólar em ouro. Assiste-se portanto a partir daqui a um aumento da importância do Mercado Livre do ouro, único local onde ainda era possível converter o dólar em ouro, mas já não à taxa oficial de 35 dólares a onça. Isto sucedeu numa altura em que pela primeira vez a Balança Comercial americana registou um déficit, como sintoma de que a superioridade produtiva dos Estados Unidos já tinha forte oposição, nomeadamente na República Federal Alemã e no Japão. Além disso, e como suce-

é a maior amplitude das crises, idêntica às do período antes da 2.ª Guerra Mundial. Isto é tanto mais evidente que o fenómeno inflacionista atinge nesta década a sua maior expressão e, apesar das apregoadas políticas anti-inflacionistas, não se consegue nem há interesse em acabar com ela, pois a inflação é hoje em dia quando já não se podem diminuir arbitrariamente os salários nominais ou aumentar os horários de trabalho (isto na maior parte dos países) a principal forma de obtenção de lucros.

Outro problema muito actual, mas cuja solução não parece viável é o do desemprego. Tem-se notado em quase todos os países um aumento considerável do número de desemprega-

GARAGEM AVENIDA

MANUEL DA SILVA RIBEIRO, LDA.

Reparações Mecânicas e Eléctricas
Serviços especializados de Chapeliro e Pintura
Alinhamento de direcções — Equilíbrio de rodas
Testes — Diagnósticos em todas as viaturas
Agente dos pneus «FIRESTONE»

Lavagem automática — Reboque Permanente

Angulo da Av. 24 e Rua 29

Telefs.: Oficina 921730 — Resid. 922097

ESPINHO

Restaurante ONDA Snack-Bar

Aberto até às 4 horas da manhã

JUNTO AO CASINO — TELEFONE 922526

de 1 de Outubro a 30 de Abril

Encerra às Seg-feiras para descanso do pessoal

ALBUQUERQUE PINHO FILOMENA MAIA GOMES

— ADVOGADOS —

ESCRITÓRIOS

R. 31 de Janeiro, 45-2.º — Tel. 21939

4000 PORTO

Rua 19 n.º 343-1.º — Tel. 922964

4500 ESPINHO

OS ANOS 70, UM POR UM

1970

— Em Janeiro, Dwerri, capital do Biafra, cai nas mãos das tropas governamentais nigerianas.

— No Brasil, em Fevereiro, é imposta rigorosa censura à Rádio, TV e imprensa.

— Também em Fevereiro, mais precisamente no dia 4, morre Bertrand Russell.

— Por cá, em Abril, o então Ministro da Educação Nacional, Veiga Simão, afirma que não tolerará política na Universidade...

— Em 21 de Junho o Brasil derrota a Itália por 4-1 na final do IX Campeonato do Mundo de Futebol, disputado no México.

— A 27 de Julho morre, em Lisboa, Oliveira Salazar, após prolongada doença.

— Em Setembro, o Papa Paulo VI recebe em audiência líderes dos movimentos de libertação das ex-colónias portuguesas.

— Também em Setembro, no Chile, as eleições presidenciais são ganhas por Salvador Allende.

— Neste mesmo mês, morre Nasser presidente egípcio.

— Em Novembro, contando 79 anos de idade, morre o General de Gaulle.

— No último mês do ano de 1970, em Espanha, termina o célebre julgamento de Burgos, no qual seis nacionalistas bascos são condenados à morte. Mais tarde, Franco comuta a sentença, transformando-a em 30 anos de prisão.

1971

— É inaugurada no Egipto a Barragem de Assuão, durante o mês de Janeiro.

— Também no mesmo mês, Idi Amin lidera um golpe militar no Uganda, e toma o poder. O presidente deposto, Milton Obote, abandona o País.

— Em Portugal, em Março, onze helicópteros são destruídos à bomba na base de Tancos. A ARA reivindica a acção.

— Em Abril, no Haiti, morre François Duvalier (Papa Doc). Sucede-lhe no cargo e na ditadura o filho, Jean Claude Duvalier.

— Em Julho, Louis Armstrong morre após 71 anos de vida. A obra continuou...

— Em Setembro, morre Nikita Krustchev. Contava 77 anos.

— No mês de Outubro, o Prémio Nobel da Literatura é atribuído a Pablo Neruda.

— Finalmente, em Dezembro, na Onu, Kurt Waldheim sucede a U'thant no cargo de Secretário-Geral daquele organismo.

(continua)

GUERRAS E MAIS GUERRAS

Dos cinco continentes deste nosso mundo, apenas o australiano escapou à onda de conflitos armados que preencheram sem falhas todos os anos de 1970 a 1979.

Região que se tem caracterizado por uma certa estabilidade em relação a outras zonas do globo, a Europa nem mesmo assim escapou à incidência de importantes focos de conflitos, gerados sobretudo em torno de aspirações nacionalistas. A luta armada na Irlanda do Norte desenvolvida pelo Ira contra o exército britânico e as acções armadas

dos separatistas bascos da ETA tornaram-se centros das atenções da grande informação. No mesmo lugar de destaque situaram-se as acções terroristas urbanas na Itália e Alemanha, principalmente, mas sem darem lugar à classificação de conflito dada o seu isolamento em relação a qualquer sector da população.

Guerra convencional houve «apenas» uma, a que, em 1974 e em Chipre, opôs a Grécia e a Turquia.

Nos outros continentes o pa-

continua na página 6

Retalhos da vida de uma década... (1)

A História dos Povos tem as suas grandes linhas de força no percurso que fazem no campo da política, da economia, da cultura, da ciência. São temas que aqui trataremos com uma atenção especial, mas não é menos verdade que em outros aspectos secundários se podem descobrir muitos dos efeitos dessas grandes directrizes do processo histórico. Os «Retalhos» que hoje apresen-

tamos não pretendem mais do que lançar um breve olhar desses pequenos temas, fazendo-se simultaneamente uma breve recolha dos conflitos armados (muitos já esquecidos) que assinalaram os anos setenta e uma pequena lista das figuras que desapareceram nestes anos e que, de algum modo, deixaram a sua marca indelével na História Contemporânea.

— INFORMÁTICA AO SERVIÇO DO HOMEM

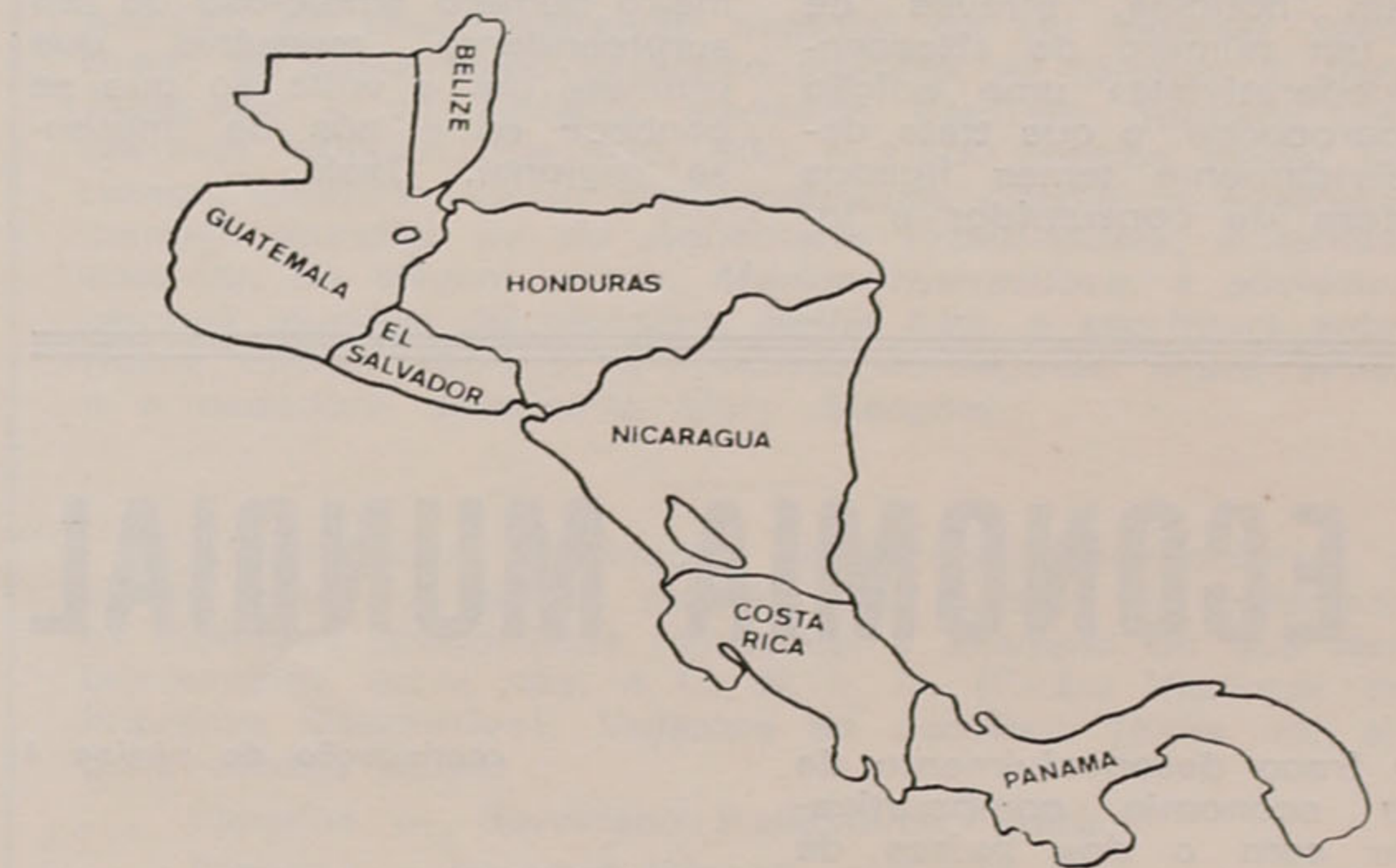
No domínio da tecnologia, os anos setenta assinalaram, nomeadamente nas sociedades desenvolvidas, uma generalização progressiva dos progressos técnicos ao alcance do comum cidadão. Para além de muitos electrodomésticos, que ganharam nestes anos a condição de artigos de primeira necessidade, foi no campo da informática que essa evolução mais se fez sentir. As máquinas calculadoras, os minicomputadores, invadiram as casas, os escritórios, as escolas e chegaram, neste último caso, a provocar proibições ao seu uso, dado o efeito prejudicial que têm no desenvolvimento intelectual das crianças e jovens. O próprio «video-tape» e a micro filmagem são já, sobretudo em empresas, um meio familiar de registo e arquivo.

A vulgar agenda com uma máquina calculadora associada é bem a imagem da trivialidade da transistorização dos nossos dias.

— VESTUÁRIO

A GRAVATA PERDE TERRENO

Neste dez anos, o vestuário não conheceu alterações espectaculares e polémicas, como o foi, por exemplo, a «mini-saia» nos anos sessenta. Assistiu-se, por outro lado, a uma tendência para a simplificação, sobretudo entre a juventude. Esta simplificação conduziu a uma adesão crescente à moda «uni-sexo» e a adopção dos «jeans» em quase todo o mundo como sinal de uma certa indepen-



Como a Indochina e a África Austral, também a América Central foi palco de violentos conflitos armados.

— URBANISMO E ECOLOGIA

Nos anos setenta foi notável a consciencialização crescente para o problema da qualidade de vida, mormente no que se refere ao urbanismo e à questão ecológica, nomeadamente

nos países capitalistas onde até então estes problemas vinham sendo menosprezados. Assinalou-se a aparecimento de grupos defensores da ecologia, organizados e com uma acção consequente, que foram ganhando crescente audiência. A sua voz encontrou eco em muitos responsáveis governamentais, o que se traduziu na adopção de medidas de combate à poluição e defesa do meio ambiente.

No que se refere ao urbanismo, notou-se nestes anos uma contenção progressiva da construção baseada apenas no lucro (o maior número de casa por metro quadrado), crescendo em contrapartida a generalização da noção da necessidade dos espaços verdes como essenciais a uma boa qualidade de vida.

continua na página 6

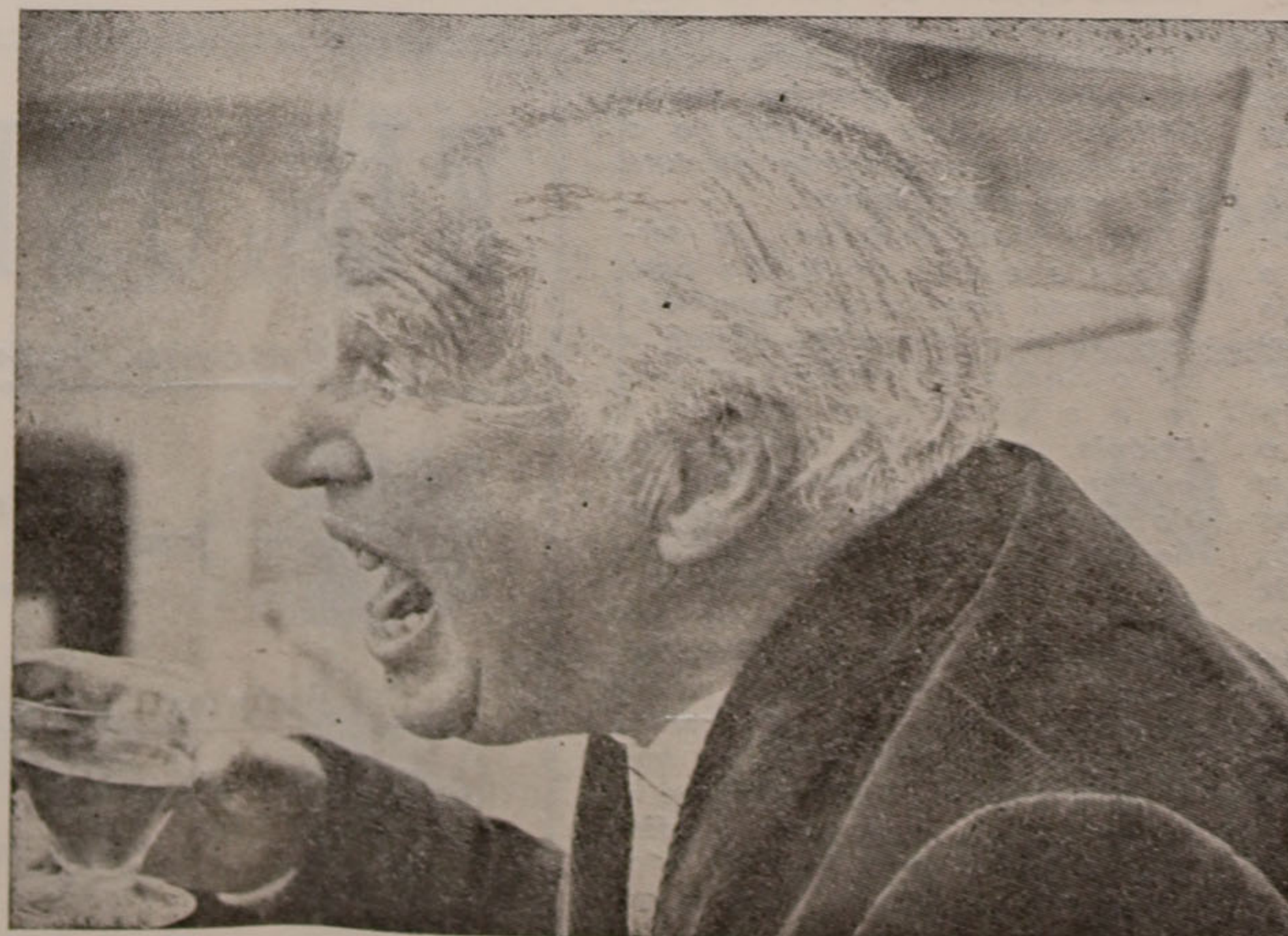
OBITUÁRIO

Das personalidades que se notabilizaram, de forma positiva ou negativa, registamos os seguintes desaparecimentos no campo da política:

General De Gaulle, Salazar, Nasser, Harry Truman, Amílcar Cabral, Salvador Allende, Juan Peron, George Pompidou, Franco, Chu En Lai, Mao Tse Tung, David Ben Gurion, Arcebispo Macários, Aldo Moro, Golda Meir, Kenyatta, Jânios Quadros Boumediene, Agostinho Neto.

No vasto campo das

Artes e Letras, desapareceram, entre outros nomes: Fritz Lang, Vittorio de Sica, Rossellini, Pasolini, Jean Renoir, Visconti, John Ford, Howard Hawks, Charlie Chaplin, no Cinema; Noel Coward, no Teatro; Pablo Casals, Stravinsky, Louis Armstrong, Chostakovich, no campo da Música; Pablo Picasso, na Pintura; Bertrand Russell, Vitorino Nemésio, Agatha Christie, Jorge de Sena, Pablo Neruda, na Literatura, Marcuse, na Filosofia, e ainda os papas Paulo VI e João Paulo I.



Na noite de Natal de 1978 morreu, Charles Chaplin, uma figura de grande cineasta e de grande homem deste século.

NOVAS PUBLICAÇÕES

Até nós têm chegando nos últimos tempos exemplares de publicações novas que, um pouco por todo o lado, vão procurando levar até às populações das suas zonas uma palavra de esclarecimento e de reflexão em relação aos grandes problemas que afectam o nosso país.

É o caso, por exemplo, de «Vida Nova», publicado em Moselos, e que trata desenvolvendo assuntos ligados à Igreja e sua acção no mundo presente, não deixando também de abordar questões como a Reforma Agrária e assuntos sindicais, a mostrar que a posição dos cristãos é, sempre, ao lado do pobres e oprimidos.

E também de Lourosa nos chegam notícias, através de mais um número de «Nascente Cooperativista» uma edição da Lourocoope, e que trata desenvolvendo temas ligados à defesa do consumidor e in-

formações sobre a actividade daquela cooperativa de consumo, mas não esquece «a mulher na sociedade», a «Ecologia» e as eleições. Um bom serviço aos associados da Lourocoope e população de Lourosa em geral.

De mais longe, de Torres Vedras, chega até nós o primeiro número de «Área, jornal de informação e crítica», que com uma excelente apresentação gráfica e abordando um significativo conjunto de temas que vão desde uma desenvolvida mesa-redonda sobre o concelho, até um estudo circunstanciado do problema da loucura e da maneira como é «tratada» na nossa sociedade. Um primeiro número ambicioso de um surpreendente mensário que promete dar a volta ao que se conhece entre nós de imprensa regional. Oxalá.

A ECONOMIA MUNDIAL

o do fraco desenvolvimento da nossa economia comparativamente com o dos países da CEE. Para conseguirmos «apanhar o comboio» seria necessário uma expansão bastante acentuada o que vai manifestamente contra as políticas restritivas do FMI aplicadas até agora.

Por outro lado a nossa indústria não tem estruturas capazes para concorrer externamente com a da CEE e o seu crescimento poderia ser grandemente afectado pela concorrência que os produtos do 3.º mundo (nomeadamente os têxteis) lhe viriam fazer dado os seus baixos custos de produção e os acordos comerciais que existem entre a CEE e esses países, aos quais ficaríamos necessariamente obrigados aquando da adesão. Também a nossa agricultura não tem capacidade tecnológica nem de

continuação da página 4

produtividade capaz de competir com a CEE, pelo que a plena adesão faria com que os produtos dos países de agricultura mais avançada inundassem o nosso mercado, devido ao grande poder competitivo dos seus preços, o que iria bloquear talvez definitivamente o desenvolvimento da nossa agricultura.

Por isto julgamos que será preferível encontrar outras formas de cooperação com a CEE que não a plena adesão, e que não tenham os efeitos bloqueadores da nossa economia que ela poderá apresentar.

E pronto. Cá ficamos à espera dos anos 80 que julgamos irão ser extremamente importantes quanto à definição e clarificação de alguns aspectos que actualmente se apresentam bastante conturbados.

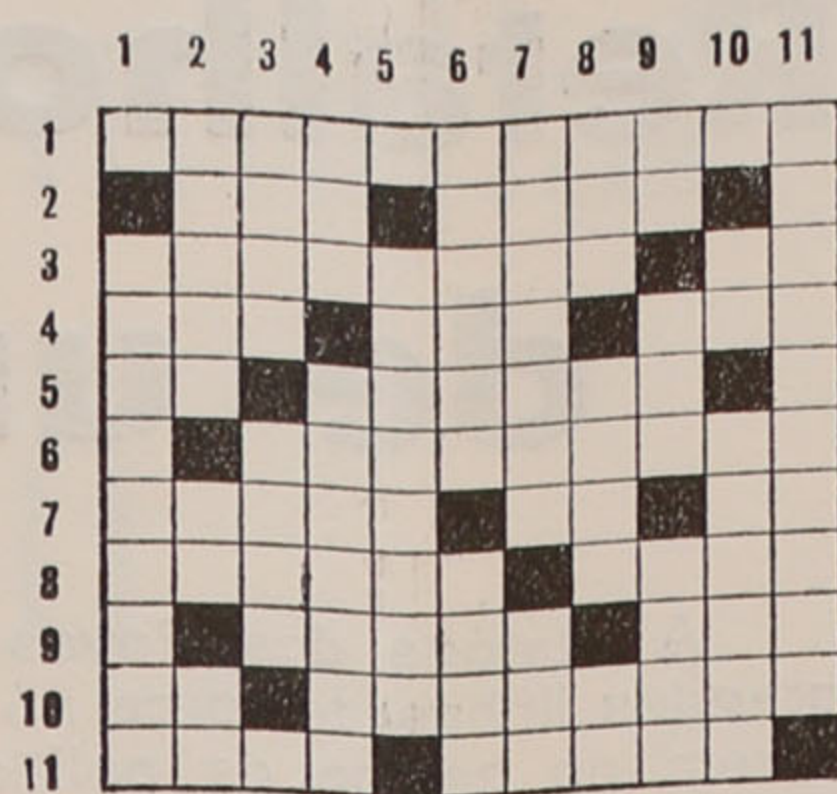
GUERRAS E MAIS GUERRAS

norama foi ainda menos pacífico. Nas Américas os conflitos foram em catadupa: a «guerra do futebol» entre S. Salvador e as Honduras e as lutas de libertação em S. Domingos, na Guatemala e, finalmente na Nicarágua e em S. Salvador, onde se registaram vitórias, mais nitida na Nicarágua, dos objectivos de liberdade e independência.

Na Ásia, centraram-se os conflitos de maiores proporções e mais gravosos em número de vítimas: a guerra no Paquistão que culminou com a formação de um novo Estado independente (o Bangla-Desh), o prosseguimento e derrota final da intervenção dos Estados Unidos no Vietname, no Laos e no Camboja. A invasão de Timor pela Indonésia e a luta de libertação do povo timorense, a participação do Vietname na queda de Pol-Pot, no Camboja, e a invasão «retaliadora» do Vietname pela China. No Zona do Índico, assinalou-se a guerra entre os dois Iémens e, mais recentemente, a revolução no Irão e a luta no Afeganistão. Finalmente, já mais perto, o conflito do Médio Oriente ocupou

permanentemente a grande importância e teve os seus pontos mais violentos na guerra israelo-egípcia de 73. Já nos últimos anos setenta, o conflito centrou-se no Líbano, com intervenções de grandes meios bélicos da Síria e Israel e a continuação persistente da luta do povo palestino.

Na África, logo em 70 terminou a guerra do Biafra com a derrota das forças separatistas, destino que aliás viriam a ter o Shaba em relação ao Zaire e a Eritreia em relação à Etiópia, apesar da intervenção, malograda, da Somália ao lado dos rebeldes. Lutas de libertação que continuam situam-se no Sara, com a Frente Polisário (e que já envolveu em partes opostas a Argélia, Marrocos e a Mauritânia), e na Namíbia pelo SWAPO contra a África do Sul. Mais do que a guerra entre a Tanzânia e o Uganda foi importante o fim das guerras em Angola, Moçambique e Guiné, com a vitória dos povos africanos, e o acordo de cessar fogo na Rodésia, de que se desconhecem ainda as consequências.



HORIZONTAIS

1 — Este país asiático ultrapassou o Irão no primeiro lugar das agências noticiosas; 2 — Dama de companhia; a mais conhecida estrada do Império Romano; 3 — Protestar; s. q. do bismuto; 4 — Nome de letra; rio da Sibéria; página; 5 — Deste lado; trigueira; 6 — Falar de mais; 7 — Famoso violinista, nascido na Rússia e naturalizado americano; s. q. da prata; duas consoantes; 8 — Neste arquipélago um sismo provocou mais de quarenta mortos e cerca de 12.000 desalojados; ímpio; 9 — Ratavam; lígai; 10 — Prefixo de nega-

PALAVRAS CRUZADAS — 50

ção; enfiada de bocados de carne assada no espeto; 11 — A segunda vértebra, logo a seguir à atlas; nome de mulher a quem Beethoven dedicou uma pequena peça para piano muito célebre.

VERTICAIS

1 — Negaria; 2 — A li-de completa de um toureiro; «Tout-court» (abrev.); mil e dez; 3 — Escola Industrial e Comercial de Espinho, agora Escola Secundária de Espinho; natureza; 4 — Primeiro nome de uma popular cantora brasileira; diz-se dos estudantes que baseiam o seu estudo na memorização intensiva; 5 — Enfeite; 6 — Escritor contemporâneo português, traduzido em muitas línguas e autor, entre outros, dos romances «Domingo à Tarde» e «O Trigo e o Joio»; faça trabalho de sapa; 7 — Famosa praia do Brasil; é doce e feito pelas abelhas; 8 — Esta palavra passou a anteceder o nome de Alfred Hitchcock desde a sua recente pro-

moção a «cavaleiro» pela rainha Isabel II; recusa; s. q. do titânio; 9 — Basta; o sistema de côr alemão adoptado pela RTP; de ti; 10 — S. q. do bário; pequeno livro em que se toma nota do que se tem a fazer em cada dia; 11 — Governo por uma família ou um grupo restrito de homens poderosos.

SOLUÇÕES DO N.º 49

HORIZONTAIS

1 — Meridional; 2 — It; moedas; 3 — NC; UCP; tina; 4 — Ira; aula; cu; 5 — Setenta; rer; 6 — Trégua; aula; 7 — Rodrigo; 8 — Rir; oitenta; 9 — Iram; aeno; 10 — Ondas; NT; CI; 11 — Atrasemos.

VERTICAIS

1 — Ministérios; 2 — Crer; IRN; 3 — Ri; aerrada; 4 — Itu; lego; imat; 5 — Canudo; sr; 6 — Reputaria; 7 — Oó; ali; itens; 8 — Neta; agente; 9 — Adi; Ruano; 10 — Lan-celot; Co; 11 — Saura; Avis.

Um ano pouco melhor que medíocre

desta vez, optámos pela não designação dos «10 Melhores Filmes do Ano», pois consideramos que *nenhum* dos filmes exibidos em 1979, é digno dessa distinção, pelo que os distinguiremos numa escala de 1 a 5 valores, não se considerando para o caso aquelas fitas abjectas ou outras menos piores mas todavia de nulo interesse, preocupando-nos apenas com aquelas que merecem uma particular referência.

O QUE SE SALVOU

Assim, como havíamos aludido, frisamos que não achamos nenhum merecedor da classificação máxima (5), (Excepcional), pelo que destacamos para a classificação de 4 valores (Muito Bom) os seguintes títulos: (por ordem alfabética)

— O Caminho da Glória (H. Ashby); Um Dia Inesquecível (E. Scola); Feios, Porcos e Maus (E. Scola); O Segredo de Fedora (B. Wilder) e A Última

Investigação (R. Benton).

Com a classificação de 3 valores (Bom):

— As Aventuras do Irmão Mais Esperto de Sherlock Holmes (G. Wilder); Desejos de Verão, Sonhos de Inverno (G. Gates); Equus (S. Lumet); Julia (F. Zinneman); Uma Mulher Implacável (A. Pakula); Não Há Dois Sem Três (H. Ross); Nosteratu (W. Herzog); O Regresso dos Heróis (H. Ashby); A Segunda Dimensão (R. Fassbinder); 6 Mulheres Para Um Detective (R. Moore); Superman (R. Donner); Todo Modo (E. Petri) e A Última Valsa (M. Scorsese).

Finalmente com a designação de «Com Interesse» (2 valores):

— Alta Ansiedade (M. Brooks); O Amor Violado (Y. Bellon); A Criada (B. Gantillon); Um Casamento (R. Altman); O Fim do Mundo Visto da Nossa Cama Habitual Numa Noite de Chuva (L. Wertmuller); F.I.S.T. (N. Jewison); A Grande Decisão (H. Ross); Na Ida da Inocência (F. Truffaut); A Mulher, o Corpo e o Espírito (G. Carle) e o O Testa de Fer-

continuação da página 2

ro (M. Ritt).

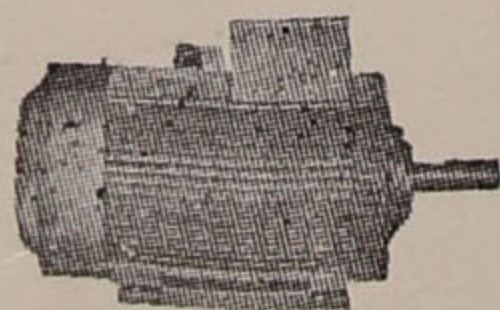
Com a classificação de 1 valor (Regular), haveria ainda vários a citar mas não justificará dedicar-lhes especial referência pelo seu limitado valor.

Para além destes que consideramos de valor positivo, outros há que, pela importância de que se revestem ao nível das suas responsabilidades perante a crítica, merecem para nós pontos negativos pelo que se poderão considerar as «decepções do ano»: O Casamento (A. Jabor); O Expresso da Meia Noite (A. Parker); A Fúria (B. Palma) e O Uivo (J. Skolimowski).

No grupo dos filmes que pretendemos enaltecer, não podemos esquecer as reposições merecedoras mesmo dessa designação, que embora não tendo sido muitas, podemos registar entre elas: O Monte dos Vendavais (W. Wyller); O Pecado Mora ao Lado (B. Wilder); O Sétimo Selo e Sorrisos de Uma Noite de Verão (ambos de I. Bergamn).

ELECTROAUTO

António Soares de Almeida



Bobinagem e reparação de motores eléctricos

Baterias AUTOSIL

Reparações eléctricas em viaturas auto

Rua 16 n.º 791 — Telef. 921812 — ESPINHO



O Recanto

ALBERTO JOSÉ PEREIRA REIS

Mobiliário Artístico e Decorações

Rua 12 n.º 593 — ESPINHO
Telef. 923399

STAND SERZEDENSE

António Martins da Silva

Assistência Total

Agente: SACHS SIS — EFS

Tel. 9620675 — SERZEDO
V. N. DE GAIA

F. C. PORTO, 3 — SP. ESPINHO, 0

... e D. Sebastião não apareceu !

É verdade. Aqueles que sabido passado foram às Antas ou abriram o televisor para ver o jogo poderão, por momentos, ter pensado que o sr. Veiga Trigo, árbitro do jogo, quisesse dar uma oportunidade a D. Sebastião para voltar ao seu país. Monárquico como ele era, até era bem capaz de ir parar às bancadas... da Assembleia da República! Mas, Sua Majestade não se dignou aparecer durante aqueles penosos 96 minutos de jogo (?) num cenário digno de filmes de Jack, o Estripador ou de Frankenstein.

Assim o que todos vimos, mais ou menos, foi de vez em quando umas figuras fantasmagóricas que corriam atrás de uma bola que, ao que nos dizem, entrou três vezes na baliza do S.C.E.

Para além disso, os que estiveram mesmo junto do relvado, dizem que na 1.ª parte o Espinho jogou fechado na defesa (e sofreu os 3 golos) e na 2.ª abriu-se mais e, aí, o marcador não funcionou.

O facto mais saliente foi a teimosia do juiz alentejano em querer prosseguir com o jogo, depois de o ter interrompido durante 6 minutos, alegando que via os seus auxiliares. Ele, talvez; mas os muitos milhares de pessoas que, no Estádio ou em casa, a ele pretendiam assistir só tiveram duas soluções: consta que os que lá estavam fizeram fogueiras nas bancadas para se aquecer e conversaram até ouvir o apito final e os que estavam em casa muda-

ram para o 2.º canal. Tal e qual!

Para que conste, os nomes dos fantasmas:

F. C. Porto — Fonseca; Gabriel, Simões, Freitas e Murça; Rodolfo (Albertino na 2.ª parte) Frasco e Sousa; Duda, Gomes (Romeu, aos 31 minutos) e Costa.

S. C. E. — Gaspar; Coelho, J. Freixo, Pinto Ribeiro e Vilaça, João Carlos, Vítor, Vítor

VOLEIBOL

SENIORES MASCULINOS

F. C. Porto, 3 — SCE, 1
C. Maia, 2 — SCE, 3

SENIORES FEMININOS

Leixões, 3 — SCE, 1
SCE, 3 — Vila Real, 0

Comportamento bastante po-

sitivo das duas equipas principais do SCE. Da resistência da equipa masculina à do F. C. Porto falam os dois últimos «sets» em que o resultado foi de 15-13. Quanto à equipa feminina é de destacar o «set» conseguido perante as campeãs nacionais e que é quase inédito em relação a esta equipa

ARBITRO: Veiga Trigo, de Beja.

GOLOS: Gomes (13 e 26 minutos) e Simões (32 minutos).

JUNIORES

SCE, 0 — Vilanovense, 1

ANDEBOL

SENIORES MASCULINOS

SCE, 25 — Padroense, 18
S. Mamede, 19 — SCE, 18

Uma vitória esperada e uma

derrota frente ao 2.º classificado, colocam o SCE em 4.º lugar, em posição portanto de discutir a presença na fase final do Nacional da I Divisão.

HÓQUEI EM PATINS

JUNIORES

Académico, 4 — AAE, 3

Esta primeira derrota dos campeões nacionais não lhes retirou o comando da classificação, nem o lugar de privilé-

gio para a renovação do título regional. É que a AAE já jogou nos riques dos outros três candidatos (vitórias no Porto e no Infante, derrota no Académico) e vai recebê-los em Espinho na segunda volta.

HÓQUEI EM CAMPO

SENIORES — 2.ª DIVISÃO

AAE, 1 — Serzedo, 0

RESERVAS

AAE, 3 — Canelas, 0

Vasconcelos

Guimarães

ENFERMEIRO

Rua 33 n.º 2 a 10
(ângulo da rua 2)

TELEF. 920945

4500 ESPINHO

ALFAIATARIA MANO

José Ricardo Mano

Executa com perfeição todo o serviço para homem, senhora e criança

Rua 30 n.º 731 — ESPINHO
Telef. 921823

Talho e Charcutaria

CENTRAL

Servir bem — Boas carnes

Rua 15 n.º 268 - ESPINHO

VENDE-SE

Mobília de quarto de casal estilo moderno.

Falar pelo :

Telefone 921568

Uma casa especializada em fios de tricot e Industriais

Boalã

Rua 14 n.º 647 Telef. 922191 ESPINHO
(entre as Ruas 21 e 23)

Descontos especiais para tricoteiras

RAICA

GRANDE BAIXA DE PREÇOS

Pronto a Vestir Homem e Senhora

Rua 62 n.º 101 — Telef. 922896

ESPINHO

OS "MAIORES" DE 1979

O inglês *Sebastian Coe* e a alemã-democrata *Marita Kock* foram designados como os melhores desportistas de 1979 por todas as agências noticiosas internacionais, bem como por revistas especializadas no campo desportivo.

Entre as agências que deram preferência a estes dois grandes nomes do atletismo mundial contam-se a Associated Press e a United Press, dos EUA, a France Press, de França, a EFE, de Espanha, e a PAP, da Polónia.

Sebastian Coe notabilizou-se por, em apenas 42 dias, ter batido os records mundiais dos 800 m, dos 1.500m, e da milha, enquanto *Marita Kock* bateu por várias vezes os records mundiais dos 200 m e dos 400 m.

Nestas listas de distribuição dos melhores desportistas de 79 vários outros nomes aparecem regularmente depois de *Coe* e *Kock*. São os casos, no campo masculino, do tenista sueco *Bjorn Borg*, do «sprinter» italiano *Pietro Mennea*, do ciclista francês *Bernard Hinault*, do americano recordista mundial dos 110 metros-barreiras *Reinaldo Nehemiah*, do sueco campeão mundial de ski *Ingemar Stenmark*, do sul-africano campeão mundial de fórmula 1 *Jody Scheckter* e do nadador soviético *Vladimir Salnikov*, recordista mundial dos 400, 800 e 1.500 metros livres; no campo feminino foram frequentemente citadas a austríaca campeã mundial de ski *Annemarie Proell-Moser*, a tenista apátrida, de origem checa, *Marina Navratilova*, a soviética campeã mundial de ginástica *Nellie Kim*, a «sprinter» americana *Evelyn Ashford*, a fundista norueguesa *Grete Weitz* e a nadadora americana *Mary Meagher*.

A par destas distinções de carácter internacional, a maior parte dos países também fez questão de distinguir os melhores desportistas nacionais, a exemplo do que fará brevemente, entre nós, o C. N. I. D. (Clube Nacional da Imprensa Desportiva). Vejamos as escolhas feitas em alguns desses países:

Espanha — *Severiano Ballesteros*, golfe

França — *Bernard Hinault*, ciclismo

Itália — *Pietro Mennea*, atletismo

Grã-Bretanha — *Sebastian Coe*, atletismo, e *Caroline Bradley*, hipismo

R. F. A. — *Manfred Kaltz*, futebol

Suécia — *Ingemar Stenmark*, ski (*Bjorn Borj* ficou em 2.º lugar)

R. D. A. — *Marita Kock*, atletismo, e *Bern Drogan*, ciclismo

Noruega — *Grete Weitz*, atletismo

Roménia — *Nadia Comaneci*, ginástica

Polónia — *Jan e Jindrich Pospisil*, ciclismo

U. R. S. S. — *Boris Mikhailov*, hóquei em gelo, e *Ludmilla Kondratieva*, atletismo

U. S. A. — *Reinaldo Nehemiah*, atletismo, e *Tracy Austin*, ténis

México — *Daniel Bautista*, atletismo (marcha)

Argentina — *Diego Maradona*, futebol.

A nível europeu, um dos prémios de maior repercussão é a «Bola de Ouro», atribuída ao melhor futebolista em cada ano por jornalistas de vários países e promovida pelo jornal francês «L'Équipe».

O inglês *Kevin Keegan*, que jogou no Hamburgo e já assinou pelo Juventus, foi escolhido pela segunda vez consecutiva, com um número de votos que deixou a grande distância todos os outros futebolistas. Depois de *Kevin Keegan*, figuram no «quadro de honra» o alemão federal *Rummenige*, o holandês *Krol*, o alemão federal *Kaltz*, o francês *Platini*, o italiano *Paolo Rossi*, o inglês *Trevor Francis*, os polacos *Boniek* e *Nehoda* e o dinamarquês *Simonsen*, vencedor em 1977. Quanto a portugueses, João Alves foi citado uma vez e pelo jornalista português presente...

Mini - mercado

CHINÔKO

Completo sortido de mercearias finas, Especiarias, Charcutaria e Laticínios, Frutas, Frangos, Patos, Perús, Coelhos, Codornizes e ovos.

Avenida 24 n.º 197

4500 ESPINHO

POPULAÇÃO DE ESPINHO ENTENDEU E ADERIU

O DISCURSO DO PRESIDENTE

continuação da página 1

mente descuidadas como a seguinte: «O projecto de vida nova, a mudança tranquila e pacífica, a resposta às mais que prementes carências deste con-

celho, são para os elementos que formam estes órgãos autárquicos a razão última pela qual aceitaram a sua investidura.»

NA CAMPANHA NÃO ERA ASSIM...

Noutro passo, vem a interromper-se o tom amigável do discurso numa fase em que não se previa: «*Numa sociedade como a nossa, em que o homem há muito deixou de ser a medida de todas as coisas, pensemos o que em termos de civismo, de respeito da pessoa como pessoa, se passa entre nós (em Espinho, subentendese). Climas emocionais, ausências de escrúpulo de toda a ordem, atentados à dignidade humana, ruptura com os fundamentais direitos da pessoa humana, fazem do princípio acima referido, uma tarefa alta-*

mente revolucionária.» A esta descrição nada simpática para a anterior gestão camarária (ou poderá ser para mais alguém?), sucede-se a terminar um primor de panerístico ao executivo cessante que não se adivinhava em função das acusações altamente graves que José Fonseca lhes dirigiu na campanha eleitoral: «*A Câmara que agora cessa as suas funções, a nossa crítica, o nosso elogio vai no sentido de lhes garantirmos que faremos nossas as vossas aspirações de sempre: Servir Sempre e Servir Melhor.*»

ENTÃO, E O PORTO?

Muitas palmas dos elementos da A.D. presentes sublinharam estas palavras com que acabou o discurso e a sessão foi encerrada. No entanto, supomos que muitas expectativas foram defraudadas pela forma como foram omitidos os problemas do concelho e as promessas que José Fonseca fez na campanha em nome pessoal, e estamos-nos a lembrar do Estádio Municipal e do Porto de Pesca. A sensação é de que, efectivamente, o novo Presiden-

te da Câmara não é homem de discursos, mas julgamos que seria de exigir um maior cuidado na sua elaboração, para que não se dissesse, por exemplo, «ponte de honra» em vez de «ponto de honra». Afinal, um discurso de posse da Presidência da Câmara não se faz todos os dias...

Numa coisa pelo menos ficámos a concordar com o Presidente, quando disse a certo passo: «*Esperam-nos dias difíceis!*». É de prever que sim.

guia o Coro toda a noite, o rapaz que na sua bicicleta esquecia a volta a dar e fazia o percurso daqueles «deuses novos /de cantar sereno como as cotovias», a velhota sózinha em casa que recebia de repente talvez a melhor visita do ano e a agradecia com um abraço, os ciganos que saíam de casa e ao som das canções de janeiras, faziam na noite fria a festa que pareciam estar aguardando. Era também o recado que chegava no dia seguinte em que alguém pedia desculpa por não ter estado em casa quando o Coro lá tinha passado, o bilhete anónimo «reconhecendo o vosso esforço, com amizade» o lamento de «este ano não passaram à minha porta».

Tantas histórias com tanta E a Festa final na piscina foi a conclusão natural de tu-

sentar no seu canto mas para pôr nas mesas comuns onde com mais alegria e companhegante. a mostrar bem que esta iniciativa do jovem Coro espinhense tem já um lugar particular no coração da cidade. rismo todos comeram e beberam o que todos tinham levado. E nisso não foram excepção os elementos do Coro, que também eles levaram os seus comes. Nem o Zé Carlos, miúdo de seis ou sete anos, que fez questão de ir à festa com o seu saquinho de plástico com duas sandes e um raminho de cravos «para dar àquele senhor que toca acordeão». Esteve também gente de fora, do Porto, de S. João da Madeira e mais longe que não deu por perdido o tempo.

Registe-se ainda, como mais um sinal do impacto das Janeiras, a grande cobertura fei-

continuação da página 1

ta pelos meios de informação. Praticamente todos os grandes jornais se lhe referiram, mandando dois deles, Capital e Diário de Notícias, equipas de reportagem que acompanharam algumas saídas de rua. Igualmente a RTP filmou largos aspectos de uma das saídas, tendo a RDP, programa 1, feito uma gravação de quase uma hora e que foi parcialmente transmitida na noite de passagem de ano. No próximo ano, o entusiasmo e adesão não serão, certamente, menores, a mostrar que, mais do que atender aos ataques e invejas de alguns sectores, e esmagadora maioria das pessoas compreende perfeitamente o espírito desta iniciativa do Coro Popular de Espinho da Cooperativa Nascente.



Todos comeram e beberam o que todos tinham levado.

DE QUEM ESTEVE LÁ

Foi uma verdadeira festa de alegria e confraternização, a do passado sábado à noite na Piscina e que tal como nos três últimos anos encerra a que é já uma das maiores iniciativas da nossa cooperativa: as Janeiras. As pessoas que aí estiveram, também elas foram festa. Daí que tenhamos registado as suas opiniões.

«É de facto extraordinário! Basta esta palavra e nada mais.»

Pereira da Silva
Viajante

«É a primeira vez que cá venho e lacho de facto formidável. É das tais coisas em que uma pessoa fica bem disposta.»

Natália Coelho
Doméstica

«Foi impecável mesmo! Acho estupendo a união estabelecida entre as pessoas, todo o convívio existente.»

Hermínia Augusta
Estudante

«Foi uma festa bem conseguida, porque permitiu através de uma recriação do que são as Janeiras na rua, com todo o seu sabor popular, que algumas dezenas, centenas de pessoas, convivessem, confraternizassem de uma forma autêntica,

realizando dessa maneira o verdadeiro sentido de festa.»

Gomes Bento
Professor

«Esta noite fez-me lembrar os tempos em que eu estava na aldeia. E saí da minha aldeia tinha treze anos!»

Miguel Gonçalves
Empregado Comercial

«Gostei imenso, foi maravilhoso. É tudo uma grande família! Estão de parabéns todos os organizadores e é bom que continuem cada vez melhor.»

Emília Guimarães
Empregada Comercial

«Correu tudo muito bem, foi óptimo. Eu era habitante do Porto, vim viver para Espinho e trouxe-me até aqui. Isto está com muito gosto, bastante bem arranjado e acima de tudo acho que valeu a pena pela confraternização e ambiente de camaradagem estabelecido.»

José M. Figueiredo
Técnico de Contas

«Cheguei agora mesmo de surpresa e encarei com isto! É mesmo porreiro as pessoas conviverem umas com as outras!»

Henrique Duarte
Desenhador

do isto. Centenas de pessoas ali se juntaram para uma noite em comum que já constitui, por certo, para muitas delas um dos melhores momentos que aguardam todos os anos. Num esforço de registar, e que por certo não escapou a quantos ali se deslocaram, mais uma vez aquele salão foi transformado na sua imagem habitual e aos olhos espantados de todos deparou-se um autêntico cenário de aldeia, onde não faltavam os verdes, a tasca popular e bem servida, a casa de lavrador com a varanda, os instrumentos de trabalho no campo e a corda de roupa a secar. E foi neste cenário que se desenrolou até de madrugada uma experiência de confraternização e alegria que é certamente para muitos um momento único na roda larga de todos os dias do ano. Cantaram-se as janeiras, ali mesmo, rompendo pelo meio da multidão, passando a custo mas indo até junto das pessoas, cantando mais com elas do que para elas, dizendo quadras populares, fazendo pequenas representações teatrais com as populares personagens do tasqueiro, da família do lavrador ou do cacique de aldeia, mal-humorado com estas manifestações daqueles a quem preferia calcar o pescoço.

Depois, dançou-se, dançou-se muito, ao som das vozes e instrumentos de alguns elementos do Coro, não o «discosound» das boites internacionais e apátridas, mas a música deste país que é o nosso. Também se comeu e bebeu? Claro, que é isso de festa sem esses complementos? E aí a participação foi de cada um, pois o preço da entrada era levar de comer e de beber, não para cada um se

À MARGEM

Aos poucos as pessoas iam chegando. Faltava ainda bastante para a hora do início e já a sala recebia muita gente que, uns pela primeira vez, outros já por tradição, vinham viver mais uma festa das Janeiras.

Lá dentro era a descoberta; a introdução de elementos decorativos de grande significado pelo que dizem com expressão da vida do trabalho o do dia a dia do nosso povo, transformou as frias paredes do grande salão num lugar acolhedor, algo parecido com as nossas aldeias onde em noites de inverno ainda se cantam as Janeiras...

E a festa começou: os cantores concentraram-se no largo da aldeia, comunicaram uns aos outros a sua alegria, tornaram-na mais forte. Em seguida fizeram um pequeno ensaio e seguiram caminhos fora entoando

melodias de sabor distante, recolhendo os «comes» para a mesa comum.

Dançar é bom. Dançar liberta-nos. Mas dançar também nos une.

A ronda era bem grande. Mais nas mãos, gente de todas as idades absorvia a música, transformava-a em movimento, criava na alegria colectiva uma certa forma de arte.

Ao som das canções do nosso povo, a dança é mais forte.

Havia um cozinheiro que punha a mesa e que não deixava que alguém comesse demais para que chegasse para todos. Havia um tasqueiro que, além de vender os artigos da ordem até mandava umas quadras ao coro entre duas canções. E havia muita gente que participava cada um à sua maneira.

É assim que se faz uma festa.



A Biblioteca Gulbenkian
Rua 21 - ESPINHO

PORTE
PAGO